

O coelho de jade

Contaram-me que, lá muito atrás de todos os séculos conhecidos, houve um tempo de maravilha em que os homens entendiam a fala dos bichos.



Quando e como deixaram de perceber o sussurro das formigas, o apelo do gavião, o queixume do caracol ou o pausado discorrer dos tigres, na hora de semicerrar os olhos ao sol do meio-dia, quando e como os homens ensurdecaram às outras vozes da terra não sei. Só sei que foi pena.

Pois, nesse tempo, todos os seres animados se entendiam. E alguns, até, pela abundância das suas virtudes, alcançavam o respeito dos demais.

Era o caso da lebre, desta lebre da nossa história. Bichinho lesto, acorria com palavras de estímulo e amparo onde fosse preciso. Mas não a julguem lebre pregadora, aos saltos pelo mato, com discursos de fugida e actos de raspão. Não senhor.

Nela não havia fingimento, era uma lebre esmoler e piedosa, só entregue ao socorro alheio.

Como tinha de benefício a rapidez, produzia numa hora

mais acções boas do que outros conseguem juntar num ano. Mas isso provinha da velocidade com que nascera para a vida.

Olhem um cágado de carapaça voltada, a espernear de aflição. Vinha a lebre e zumba! - virava-o para a terra.

Olhem uma andorinha implume, caída do ninho. Vinha a lebre e zumba! - repunha-a no conchego da asa materna.

Olhem um cachorro sequioso, de língua encortiçada e pendente. Vinha a lebre e zumba! - carregava com ele até à beira do riacho.

Olhem a abelha trémula, apanhada pelo caminho da noite. Vinha a lebre e zumba! - soprava-a para o cortiço.

Olhem dois carneiros de chifres encavalitados um no outro, cansados de uma luta de que já nem sabiam o porquê. Vinha a lebre e zumba! - despegava-os da contenda e punha-os a balir a mesma canção de amizade.

Que ela tinha muita força. A força do ânimo e do bem-fazer.

Lebre assim, ambulatória, assistente dos fracos, recurso dos aflitos, é raridade. Exemplo semelhante não se encontra em parte alguma, senão, por outras épocas e sítios, nos romances de cavalaria e não em todos.

Como se percebe, os outros animais gratamente lhe davam o título de princesa. Ela, coberta de modéstia, recusava a honra. Bastava-lhe ser lebre sem mais quê.

Buda, o que tudo sabe porque escuta o coração dos seres e interpreta a notícia dos ventos, ouviu o que de bom se contava da lebre. Quis conhecê-la. De uma vez em que andava por perto em visita aos seus discípulos, desceu o declive da colina que a lebre habitava. Sozinho e cansado da jornada, Buda estendeu-se à sombra de um penedo.

As cigarras zuniam ao calor da tarde. Aos pés da colina encurvava-se o rio, que os bichos do sítio supunham o único do mundo ou, pelo menos, o mais belo de todos.

Confortado com o que vira, Buda adormeceu. Acontecia-lhe no sono transmutar-se noutro e, depois, acordar ainda com as vestes e as configurações do sonho. Há muitas histórias de Buda que contam destes feitos.

Daquela vez acordou transformado em brâmane, sacerdote mendigo. Descalço e esfarrapado pêlos espinheiros, à beira de muitos caminhos, o brâmane causava pena.

- Piedade. Tenham piedade de mim - suplicou.

Via-se que aquele brâmane há muito que não conhecia abrigo nem pão.

Devagarinho, ora um ora outro, os animais da colina iam-se chegando ao brâmane desolado. Não podiam adivinhar que, sob aquele disfarce, era de Buda que se aproximavam.

- Piedade. Tenham piedade de mim - suplicava o brâmane, erguendo os braços.

- Como veio aqui ter? - perguntou o rato de água aos bichos da vizinhança. - Estava a dormir na minha toca, quando o ouvi. O coitado não dura muito...

Todos achavam o mesmo.

- Piedade. Tenham piedade de mim - suplicava o brâmane, estendendo os braços.

- Se morrer, será de fome - suspeitou a lontra.

- E nós vamos deixar? - perfilou-se a garça.

- Piedade. Tenham piedade de mim - suplicava o brâmane, pendendo os braços.

Confrangia.

Então os bichos correram cada qual para seu lado. A garça pernalta em direcção ao rio. O rato em direcção ao bosque. A lontra em direcção aos seixos da margem.

Esvoaçando sobre as águas, a garça pescou um peixe. Vasculhando pelas ramagens, o rato colheu frutos silvestres. Levantando as pedras molhadas da beira-rio, a lontra filou uma cobra. Trouxeram tudo de presente ao brâmane, que desfalecia. Ele que escolhesse. Ele que comesse. Mas, para surpresa deles, o brâmane não tocou em nada.

Sugeriu não sei qual:

- Faça-se um fogo para assar o peixe, para estalar os frutos, para despelar a cobra.

Assim se fez.

Mas nem mesmo depois de cozinhados o brâmane os quis.

- Algum voto o proíbe de comer peixe, fruta... - pensou, em voz alta, um dos bichos.

Estavam desolados. Diante deles o desgraçado definhava. E eles não sabiam como valer-lhe.

Mais eis que, atraída pelo lume da fogueira, ao grupo se juntou a lebre.

- Quem acordou o fogo? - perguntou ela, movida pela preocupação de acudir e abafar os excessos da Natureza.

Explicaram-lhe o sucedido e apontaram-lhe o brâmane moribundo. Compadecida, a lebre debruçou-se sobre o brâmane.

- Está muito fraco. Precisa de comer carne de caça fresca para se salvar - sentenciou.

Os restantes bichos recuaram. A lebre fitou-os. Agora pasmem com o que lhe ocorreu:

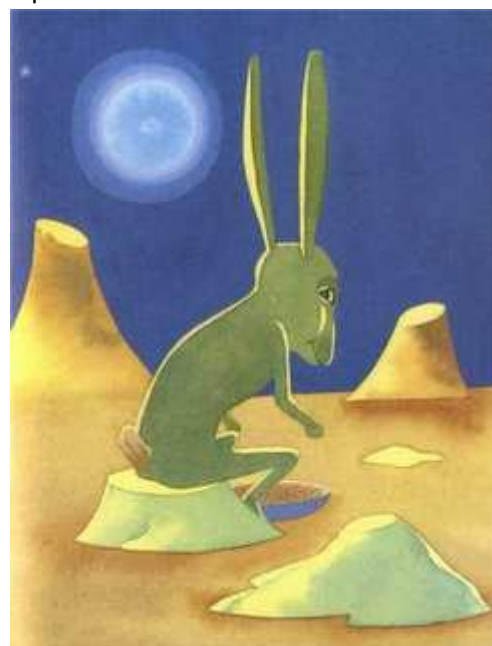
- Carne de caça fresca é a da lebre. Quererá ele provar da minha?

Perante o pânico da lontra, da garça e do rato, a lebre ia lançar-se à fogueira. Já as chamarente a ela a cobiçavam, quando se deteve:

- Não tenho o direito de sacrificar ao meu gesto os parasitas que me povoam o pêlo.

E começou a catar-se.

Os seus companheiros de colina estavam paralisados de espanto. Tanta generosidade nunca se vira.



O brâmane também a fitava com estranha atenção.

Depois de ter limpo de si todos os parasitas, a lebre, sem uma hesitação nos passos, encaminhou-se para a fogueira... E, num impulso, como se as chamas fossem um lago, saltou para o meio delas...

Nesse mesmo instante, o brâmane, magicamente desperto da sua prostração, levantou-se e, retomando as forças de Buda, exclamou, de braços erguidos para o céu:

- Que tudo torne ao que era: o fogo em tronco seco e a bondade ao seu corpo vivo.

Logo ali se aplacou o fogo. Os animais correram para a lebre num alvoroço de alegria...

Conta ainda a lenda que os magos tauístas, recordando o feito da lebre, a imortalizaram numa imagem que ficou conhecida por «O coelho de jade». De curtas patas dianteiras e longuíssimas patas posteriores, a lebre ou o coelho tritura, sabiamente, num almofariz, o «Elixir de jade», remédio miraculoso contra todos os males.

Entretanto, já Buda ordenara que à estóica lebre fosse concedido o panteão lunar.

Quem, por desenfado, em noites luarentas, pesquisar a Lua com olhos indagadores há-de divisar-lhe a silhueta debruçada sobre o almofariz. É ela, a lebre incansável, que trabalha.

Talvez uns grãos de pó, uns minúsculos grãos de pó se derramem do almofariz e caiam sobre a Terra. Seria bom...

António Torrado